

AS CONSTRUÇÕES ERGATIVAS: UMA ANÁLISE DAS PROPRIEDADES MORFOSSINTÁTICAS DO PB

ERGATIVE CONSTRUCTIONS: AN ANALYSIS OF THE MORPHOSYNTACTICAL PROPERTIES OF BP

Millena de Oliveira Santos Centro Universitário Geraldo di Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil
2020101120@academicougb.com.br

Wellington Henrique Macedo da Costa Centro Universitário Geraldo di Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil
2020101040@academicougb.com.br

Juliana Barros Nespoli Centro Universitário Geraldo di Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil
juliana_nespoli@yahoo.com.br

Resumo Este artigo aborda o fenômeno da ergatividade no português do Brasil, mais especificamente nas construções em que esse fenômeno ocorre com verbos transitivos-ergativos, sendo esses uma classe que surge a partir dos verbos transitivos. O trabalho conta com uma metodologia de avaliação de construções ergativas a partir de orações que elaboramos para análise, levando em consideração o conceito de controle, que remete à possibilidade de um verbo permitir ou não a construção ergativa com base na necessidade de um agente desencadeador do processo. Também são analisadas propriedades articuladas a essas construções e o que as torna possíveis. Buscamos, assim, contribuir para a descrição morfossintática do português brasileiro, ao descrever a ergatividade nessa língua.

Palavras-chave Ergatividade. português brasileiro. Transitividade. controle.

Abstract This article addresses the phenomenon of ergativity in Brazilian Portuguese, more specifically in constructions when this phenomenon occurs with transitive-ergative verbs, these being a class that arises from transitive verbs. The work relies on a methodology for evaluating ergative constructions based on sentences that we prepared for analysis, taking into account the concept of control, which refers to the possibility of a verb allowing or not the ergative construction based on the need for a triggering agent of the process. The properties associated with these constructions and what makes them possible are also analyzed. We thus seek to contribute to the morphosyntactic description of Brazilian Portuguese, by describing the ergativity in this language.

Keywords Ergativity. Brazilian Portuguese. Transitivity. control.



Licença de Atribuição BY do Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Aprovado em 02/02/2024
Publicado em 30/04/2024

INTRODUÇÃO

A partir de uma visão tradicional, temos a descrição da transitividade verbal dividida em verbos transitivos e intransitivos. Os verbos transitivos são aqueles que exigem um complemento para realizar o processo verbal. Os verbos intransitivos, pelo contrário, não precisam de complemento para que seu processo seja realizado.

No entanto, essa abordagem pode não abranger todos os dados do português do Brasil (PB) ao levar em consideração apenas a presença ou ausência de complementos. Este trabalho trata da análise e proposta de descrição de construções transitivo-ergativas presentes no PB que formam uma classe de verbos que admitem um sujeito paciente, tratando-se de uma classe de verbos numerosa e que tende a ficar maior, bem como é bastante heterogênea, o que dificulta sua classificação, assim como afirma Perini (2008).

Deste modo, o objetivo geral do trabalho é contribuir para a descrição das propriedades morfosintáticas que caracterizam o PB, e o objetivo específico é propor uma descrição de construções transitivo-ergativas no PB. Este artigo está dividido nas seguintes seções: a seguir, apresenta-se a fundamentação teórica, em que abordamos a ergatividade; em seguida, é apresentada a metodologia, com a descrição dos procedimentos de investigação. Por fim, apresenta-se a discussão, em que colocamos em prova as hipóteses do estudo através da análise dos dados. Assim, trazemos nossas considerações acerca das contribuições para a descrição desse fenômeno na língua portuguesa.

Fundamentação teórica

Partindo de uma análise sintática das orações do PB, temos, segundo descrição de Negrão; Viotti (2011), mais comumente, o sujeito de sentenças transitivas e intransitivas marcados com o mesmo caso – o nominativo. Nas orações transitivas, o sujeito ocupa a função de agente desencadeador do processo verbal e o objeto, por oposição nessas sentenças, a de paciente. Esse alinhamento morfosintático é denominado como do tipo nominativo-acusativo e abrange a maioria das línguas indo-europeias.

Quando falamos do caso ergativo, trazemos um alinhamento distinto na morfosintaxe, em que o sujeito assume um papel de paciente do processo verbal. Sobre isso, Abraçado (2014) descreve:

[...] entendemos a transitividade como uma propriedade que atua sobretudo no plano cognitivo e que, como tal, está diretamente ligada à forma de

percepção de eventos ocorridos no mundo real. Assim sendo, julgamos compreensível a relação que se pode estabelecer entre o sujeito de CV1 (verbo monoargumental) e o objeto ou com o sujeito de CV2/3 (verbos com dois ou três argumentos), dependendo do grau de transitividade das construções. (p. 131).

No português, temos os verbos intransitivos que configuram orações ergativas de fato. Tais verbos são monoargumentais e esse único argumento acaba por preencher a posição de sujeito, não sendo necessariamente agente do processo verbal, como os verbos “morrer”, na frase “João morreu” e “cair”, na frase “O preço da carne caiu”. Com isso, partimos para o objeto de estudo deste trabalho, que são os verbos transitivo-ergativos, verbos que naturalmente configuram uma oração nominativa-acusativa, mas que, no PB, vem ganhando espaço em construções ergativas monoargumentais, cujo sujeito passa a assumir um papel de paciente, como por exemplo o verbo “quebrar”, usado amplamente em construções como “O copo quebrou” ou “Meus óculos quebraram”. Sobre isso, Rogeri (2019) escreve sobre o alargamento argumental:

Estamos assumindo um *split* de ergatividade do PB como uma generalização gramatical. Em termos preditivos, essa propriedade funciona em casos em que o PB apresenta ergativização. A possibilidade de constituintes com papel temático circunstancial serem Sujeitos das sentenças é o resultado do que chamamos alargamento argumental do verbo, que possibilita ao PB destacar como Sujeito constituintes não-canônicos de outras línguas românicas. Essa possibilidade, a nosso ver, é evidência de um processo mais amplo de ergativização do PB. (p. 79).

Vale ressaltar, baseando-se na fala de Negrão; Viotti (2011), que esse alargamento argumental parece estar ligado ao fenômeno de impessoalização, que vem atingindo verbos de grande agentividade. Alguns exemplos trazidos pelas autoras são os verbos “dar”, “gravar” e “fazer” nas orações “A minha chácara dá umas nanicas enormes”, “Esse gravador tá gravando direito?” e “O motor tá fazendo aquele barulhinho esquisito”. Além disso, as autoras também afirmam que esse fenômeno parece ocorrer somente na variedade brasileira, pois as orações nessa construção não só não seriam possíveis no português europeu, como também não são de fácil compreensão para os falantes daquela língua.

A partir da análise desses fenômenos, podemos verificar o comportamento de orações com os três tipos de verbos quanto à gramaticalidade:

Verbos transitivos:

- (1) Ela **venceu** o desafio.
- (2) A moto **gasta** menos

combustível. Verbos ergativos:

(3) A planta **morreu**.

(4) O copo **caiu**. Verbos transitivo-ergativos, e objeto deste estudo:

(5) A porta **abriu**.

(6) O balde **encheu**.

Vejam que, nas construções em (1) e (2), os verbos transmitem um processo verbal que se desencadeia pelo controle do agente, nesse caso, os sujeitos das orações. Da mesma maneira, em (3) e (4), os verbos são chamados ergativos de fato, ou na GT, chamados também de intransitivos, pois tratam de processos verbais que não possuem controle pelo sujeito; a planta morreu eventualmente como tudo que é vivo, o copo caiu acidentalmente, não possuindo controle sobre a ação. Já diante de (5) e (6), temos construções que ocorrem quando se deseja omitir o agente (isto é, o agente não possui importância semântica). O foco aqui é que a porta está aberta e o balde, cheio, logo o foco está no resultado e não no desencadeador. Contudo, esses verbos são transitivos, de acordo com a GT, e precisariam, então, de um complemento, o que pode não ocorrer, sendo perfeitamente aceito pelos falantes como gramatical.

Castilho (2010) apresenta duas propriedades para identificação das sentenças ergativas: “o sujeito de algumas dessas sentenças é um argumento não controlador do estado de coisas descrito pelo verbo” e “sentenças (ergativas) não explicitam o causador da ação” (p. 331). Ainda sobre essas sentenças, Cançado (2002, p. 105) apresenta uma perspectiva de grau de controle para a definição e análise das orações ergativas do PB. Sobre esse conceito, ela afirma: “a propriedade acarretada pelo predicador a um de seus argumentos quando ele tem a capacidade de começar o processo, interromper o processo, ou interromper o estado.”

A partir disso, temos, no entendimento da autora, que verbos com [+controle] não são considerados como ergativos, pois esse fenômeno só ocorre quando o argumento interno – isto é, o objeto do verbo – é afetado pelo processo, e não acontece quando o verbo precisa que seu argumento externo – o sujeito – desencadeie o processo.

Sendo assim, Cançado nos dispõe certas orações para discutir tais fundamentos, como as sentenças a seguir:

(7) O vaso de barro quebrou.

(8) *O vaso de barro modelou.

Segundo os estudos da autora, o verbo em (8) não admite a construção ergativa devido à propriedade de controle que o verbo “modelar” atribui a seu argumento externo, o que se perde em (7) tornando essa construção possível.

Como mencionado anteriormente, Perini afirma que a classe dos verbos transitivo-ergativos é extensa e heterogênea, o que dificulta estudos para definição das ocorrências da ergatividade, sendo esse fenômeno algo que ainda se expandirá mais, ou seja, a classe dos verbos transitivo-ergativos no PB aumenta consideravelmente na fala e na escrita à custa das outras duas classes (verbos transitivos e verbos ergativos). O autor traz em seu texto uma vasta gama de casos que demonstram o crescimento da classe estudada, ao passo que mostra também como a definição de suas motivações em relação a quais verbos permitem ou não o fenômeno pode ser custoso, isto é, demandaria um tempo e estudo longo e que talvez não contemplasse, ainda, toda a gama de verbos dessa classe.

Para contribuir para a análise das propriedades morfo-sintáticas, desenvolvemos este estudo partindo de duas hipóteses sobre a ergatividade no PB: (1) verbos transitivos que não pressupõem controle figuram construções ergativas; (2) verbos transitivos que pressupõem controle não figuram construções ergativas.

A partir das análises obtidas pelos dados e da discussão levantada pelos autores, pode-se notar que a tratativa acerca do controle trazida por Cançado configura uma interessante explicação para a ocorrência da forma ergativa que surge com os verbos transitivos. Porém, assim como já havia sido levantado por Perini, de fato, alguns dos verbos que possuem [+controle] podem aceitar a forma transitiva-ergativa quando é acrescentado contexto, isto é, através de frases menos concisas e “laboratoriais”. Buscando períodos que ocorreriam na fala do cotidiano dos falantes, é possível encontrar tais construções para esses verbos com [+controle] e percebe-se uma aceitação positiva de tais dados.

Como afirma Perini (2008), os verbos basicamente transitivos parecem ser mais sensíveis ao contexto, ou seja, sem eles, as construções ergativas possíveis não soam naturais ou gramaticais. No entanto, ao adicionar contexto, através de um

complemento verbal mais completo, surge então uma oração válida no PB. Usemos o exemplo de um verbo com [+controle] que Perini também utiliza para ilustrar nossa análise:

(9) A mãe **penteou** o cabelo da filha.

(10) O pelo da gata era muito rebelde, mas com esse creme ele **penteou** facilmente.

O verbo “pentear” é um dos verbos listados por Cançado como um verbo com [+controle], necessitando então de um agente desencadeador do processo, afinal “pentear” não poderia ocorrer numa oração ergativa, pois tal ação não ocorre sem um agente que a realize e um paciente que a sofra. No caso de (9), então fica clara a relação de agente e paciente presente, em que “a mãe” é agente desencadeador e “o cabelo da filha” é o paciente do processo. Já na oração retirada do texto de Perini em (10), podemos ver que a ação do verbo não está sendo disparada por nenhum agente evidenciado, isto é, ele é omitido no dado, ao contrário disso, o sujeito do verbo (ele = o pelo da gata) é claramente o paciente do processo verbal de pentear e não há problemas para definir tal oração como gramatical. Então, de fato, pode-se perceber que a afirmativa de Perini (2008, p. 315) sobre a necessidade de contexto para a possibilidade de ergatividade de um verbo transitivo é válida e assertiva, ainda que ele mesmo diga que essa afirmação não é totalmente verdadeira a todos os verbos transitivos: “outros verbos transitivos, como *entender*, *comer* ou *matar* parecem ser totalmente irredutíveis: não há manipulação de contexto que nos leve a entender *onça mata* ergativamente (a onça como Paciente).”

Dessa forma, podemos preparar o contexto para que um verbo com [+ controle] possa naturalmente figurar uma construção ergativa. Se colocarmos um advérbio, por exemplo, em (8), a oração exemplo de Cançado passa a ser uma construção ergativa. Reescrevemos esse exemplo em (11) a seguir.

(11) O vaso de barro modelou melhor porque o material era de boa qualidade.

É perceptível que, à medida que o contexto é mais preciso, a oração se torna mais suscetível à ergatividade. Embora o contexto seja o fator que permite a ergatividade, ao acrescentar um advérbio que modifica especificamente o verbo e não todo o sintagma verbal, obtemos uma construção ergativa sem adesão de um contexto característico. Em (11), a presença do advérbio parece transformar o verbo em transitivo-ergativo. Vejamos essa reescrita em (12).

(12) O vaso de barro modelou melhor.

Em (10) é permitida uma construção ergativa com um advérbio que modifica especificamente o verbo sem a presença do contexto como um todo. Vejamos esse exemplo reescrito em (13).

(13) O pelo da gata penteou facilmente.

Dessa maneira, é possível depreender dessa análise que a abertura para construções ergativas não se dá, nesse caso, devido a uma pura existência de contexto.

Antes de nos aprofundarmos na análise dos dados apresentados neste estudo, é interessante apontar a reflexão de Perini sobre a separação entre as construções ergativas das construções médias. O autor revela que muitos autores atuais separam as duas classificações, mas que ele não acredita ser uma separação definitiva e necessária na análise desses fenômenos na língua portuguesa, afirmando que a construção média não deve ser considerada uma diátese independente por não se tratar de uma subclassificação de verbos, podendo ser explicado por outros fatores, como aspecto verbal (p. 322). Além disso, o autor comenta em relação à afirmação de Levin (1993) que faz essa distinção para a língua inglesa:

A própria Levin reconhece que, na maioria das vezes, a construção média é acompanhada por “um elemento adverbial ou modal” (Levin, 1993, p. 26). Esse elemento está, a meu ver, justamente fornecendo o contexto aspectual que caracteriza essas frases, e que, pelas razões vistas, não acarreta o aparecimento de uma nova diátese (PERINI, 2008, p. 326).

Tal explicação é dada para retirar as dúvidas acerca dessa classificação; um dos exemplos dado pelos autores é o verbo “grudar” (*to tape*), em que se alega que o verbo é ergativo no dado “O papel grudou no banco” e haveria uma voz média no dado “Esse papel gruda”. Para Perini, assim como neste trabalho, essa distinção não é relevante para análise. Dessa maneira, seguimos para nossa discussão sobre a possibilidade da ergatividade nessas construções.

1 Metodologia

Nossa metodologia se constituiu de uma análise intuitiva da aceitação de construções ergativas, usando verbos previamente destacados pelos autores estudados. Desenvolvemos, então, 10 orações seguindo a estrutura: SUJEITO +

VERBO (PRETÉRITO PERFEITO) + ADJUNTO ADVERBIAL DE TEMPO. As orações foram separadas de acordo com [controle], sendo cinco verbos com [\pm controle], sendo os verbos “sujar”, “esquentar”, “encher”, “desligar”, “derramar”; e cinco com [+controle], sendo os verbos “vender”, “cortar”, “afiar”, “lavar” e “tocar”. A seguir estão as orações construídas:

Orações com verbos com [\pm controle]:

- (14) Minha bota sujou depois da festa.
- (15) A comida esquentou na hora do almoço.
- (16) O balde encheu depois de dois dias.
- (17) O computador desligou no momento da apresentação.
- (18) O leite derramou hoje cedo.

Orações com verbos com [+controle]:

- (19) *O livro vendeu durante a *black friday*.
- (20) *A carne cortou na hora do almoço.
- (21) *Essa faca afiou naquela tarde.
- (22) *A roupa lavou no fim de semana.
- (23) ?A campainha tocou à noite.

Consideramos os verbos com [\pm controle] aqueles podem ou não atribuir controle ao sujeito mais livremente. Por exemplo, o verbo “sujar” pode figurar em uma construção em que alguém suja algo ou que algo sujou, no sentido de ficar sujo; já os verbos com [+controle] em princípio autorizam apenas a construção em que o sujeito assume o controle do evento. Por exemplo, é esperado que o verbo “vender”, a princípio, figure em uma construção em que alguém vende algo, mas não em uma construção em que algo vendeu, no sentido de ser vendido. Com base nas orações produzidas, passamos então para uma análise desses dados.

Discussão

Por meio da análise das orações construídas entre (14) e (18), pode-se confirmar a hipótese (1), visto que os verbos figuram em construções ergativas normalmente. Dessa maneira, concluímos que os verbos com [\pm controle] permitem, de fato, a ergativização.

Analisando os dados de (19) a (23), percebemos que as orações com verbos com [+controle] são agramaticais em construções ergativas e causam estranhamento, exceto a (23) que, apesar de conter um verbo com [+controle] (“tocar”), não gera uma estranheza, visto que é possível a interpretação em que se tem a campainha como o próprio disparador do controle.

Em seguida, reestruturamos as orações de (19) a (23) com combinações que as transformassem em gramaticais. Fizemos, então, as construções com um modificador específico do verbo, seguindo a ideia de que esses modificadores teriam a capacidade de se comportarem como “contexto suficiente” – nas palavras de Perini – necessário para garantir a gramaticalidade das orações, de modo que foi verificado que esses modificadores permitem, de fato, a transformação dos verbos transitivos em transitivo-ergativos. Obtivemos os seguintes dados gramaticais:

- (24) O livro vendeu muito durante a *black friday*.
- (25) A carne cortou facilmente na hora do almoço.
- (26) Essa faca afiou bem naquela tarde.
- (27) A roupa lavou rápido no fim de semana.
- (28) A campainha tocou alto à noite.

Façamos uma análise das construções propostas. Primeiramente, os advérbios relacionados a essas construções são mais aceitáveis quando se trata dos advérbios de modo, intensidade, tempo e lugar. Percebe-se, no entanto, que os advérbios de modo e intensidade parecem favorecer mais a construção transitivo-ergativa do que os de tempo e lugar. Comparemos o contraste entre (29) e (31), de um lado, e (30) e (32), de outro:

- (29) Meu dedo cortou **hoje de manhã**.
- (30) Meu dedo cortou **fundo**.
- (31) A faca afiou **naquela tarde**.
- (32) A faca afiou **bem**.

Nessas orações, a construção ergativa parece ser mais bem aceita com advérbios de modo e intensidade, em (30) e (32), do que com o de tempo, em (29) e (31).

Na construção em (24), assim como em (25), percebemos uma melhor aceitação da construção em relação a (19) a (20), talvez porque, como foi dito, os modificadores em (24) a

(28) se relacionam diretamente ao verbo, e não necessariamente a todo o sintagma verbal, como ocorre nos dados de (19) a (23).

Outros aspectos observados são a animacidade dos sujeitos e o tempo verbal das sentenças. A animacidade se refere à diferenciação entre seres animados (pessoas e animais) e inanimados (objetos, lugares) e sua capacidade de ser agente de um verbo com [\pm controle]. Foi possível perceber uma tendência ao uso de seres inanimados para a construção das orações ergativas, como pode-se perceber através da agramaticalidade de (33) a (35), em que todas elas são estruturadas por sujeitos animados:

(33) *O gato penteou bem (o gato sendo penteado).

(34) *O menino sujou de lama (o menino ficando sujo).

(35) *O cachorro vendeu no petshop (o cachorro sendo vendido).

Percebemos, então, que a animacidade do sujeito, talvez seja um fator relevante para a ocorrência de ergatividade em uma oração. Quanto aos tempos verbais, as orações ergativas ocorrem com mais naturalidade (supostamente) quando com verbos estão no pretérito perfeito. No entanto, pode-se avaliar o surgimento dessa construção com alguns verbos em outros tempos:

(36) O livro vendia/venderá/venderia muito durante a *black friday*.

(37) A campanha tocava/tocará/tocaria à noite.

(38) A comida esquentava/esquentará/esquentaria na hora do almoço.

Considerações finais

Tendo em vista os fatos apresentados e as análises dos dados elaborados, podemos concluir que é possível depreender-se que ainda há muito conteúdo a ser estudado dentro das construções transitivas-ergativas. Neste trabalho, pudemos alcançar o entendimento de que há uma certa estrutura a se depreender dessas construções e que se pode desdobrar a partir daí uma pesquisa mais aprofundada sobre a importância do advérbio para a gramaticalidade dessas construções.

A distinção entre verbos de mais controle e menos controle desempenha um papel importante na possibilidade de uma construção ergativa. Verbos de mais controle tendem a não figurar em construções ergativas, a menos que um contexto específico ou modificador adverbial seja adicionado para permitir essa estrutura, o que confirma a hipótese 1 e refuta a hipótese 2. Além disso, a inclusão de advérbios que diretamente modificam o verbo, especialmente aqueles relacionados ao modo e intensidade, torna as construções transitivo-ergativas mais naturalmente aceitáveis. Em contraste, advérbios relacionados ao tempo e ao lugar têm menos influência na sua gramaticalidade.

Referências

ABRAÇADO, Jussara. A posposição do sujeito e a ergatividade candida. **(Con)textos Linguísticos**, v. 8, p. 121-138, 2014.

CANÇADO, Márcia. Uma aplicação da teoria generalizada dos papéis temáticos: Verbos psicológicos. **Revista do Gel**, n. especial, 93-125, 2002.

NEGRÃO, Esmeralda. V.; VIOTTI, Evani. Estratégias de impessoalização no português brasileiro. In: José Luiz Fiorin; Margarida Petter. (Org.). **África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2008, v. , p. 179-203.

NEGRÃO Esmeralda. V.; VIOTTI, Evani. A ergativização do português brasileiro: uma conversa continuada com Carlos Franchi. João Pessoa, PA: **Ideia Editora Universitária**, 2011.

PERINI, Mário A. **Estudos de Gramática descritiva: as valências verbais**. São Paulo: Parábola, 2008.

ROGERI, Rosana A. **Sujeitos circunstanciais: pistas para uma consideração sobre ergatividade cindida em Português brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.